

PASSOS ESCOLARES: PARA ONDE VAI A APRENDIZAGEM INFANTIL?

Kate Karla de Faria Argon ¹

Prof.^a Dra. Mônica Pinheiro Fernandes ²

A proposta deste texto é apresentar reflexões acerca dos movimentos espontâneos infantis, nos espaços escolares, capturados em vídeo, e suas contribuições para os entendimentos das aprendizagens escolares. Estas reflexões são advindas das experiências docentes vivenciadas enquanto bolsistas do Programa Residência Pedagógica, numa universidade pública federal, da baixada fluminense, no Rio de Janeiro, em parceria direta com a escola pública do município da mesma região. A oportunidade de fazer parte do referido programa tem nos ajudado a refletir muito a respeito da imagem e a sua relação com o ensino e o espaço físico escolar, em especial, sobre os sujeitos que os ocupam.

Para adentrarmos na discussão, compreendemos a fotografia e o vídeo como elementos que podem ser utilizados não apenas para nos ajudar a captar e interpretar uma determinada experiência social, mas também para produzir conhecimento sobre ela. Dessa forma, a fotografia não é usada apenas como uma ilustração, a imagem, por si só. Ela pode nos ajudar a observar diversas questões do cotidiano e analisar o fato, no ato da ação. De acordo com Manini, 2011,

[...] o sentido da imagem é o fotografado, o objeto fotográfico, estando o fotógrafo (como operador) em segundo plano, e o meio fotográfico também: esta é a fotografia documental. O objeto é o referente real; o “isto foi”, ou seja, algo da ordem da memória. (p. 81)

De acordo com a referência acima, o que se tem registrado é o momento do clique, não sabemos o que aconteceu antes ou pós o clique. A imagem vai mostrar um fragmento do contexto em que foi tirada. Tudo o que se tem é memória e o olhar de quem registrou, o que fica em aberto para termos nossas interpretações a partir de nossas experiências, mas também muito do que a imagem é, o que ela transmite e o que, quem a tirou, quer transmitir. Para isso, essa imagem deve ser contextualizada, identificando o tempo e o espaço para que seja possível a compreensão, construção significativa e também a possibilidade de ressignificações. A fotografia é capaz de registrar um momento que tenha sido especial, congelando no tempo uma memória significativa. Nela é capaz de ser (re)vivenciadas alguns sentimentos do momento da

Este trabalho foi produzido no âmbito do Programa Residência Pedagógica – Pedagogia – IM/UFRRJ.

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia do Instituto Multidisciplinar - UFRRJ, kateargonf@ufrrj.br;

² Professora orientadora: doutora em educação, Instituto Multidisciplinar - UFRRJ, monicapinheiro@uol.com.br.

captura, trazendo consigo não só história, mas também afeto. (FELIZARDO & SAMAIN, 2007).

Podemos fazer uma reflexão da fotografia a partir da prática da construção dos álbuns de fotos de família. Quando a fotografia começa a se popularizar, pessoas contratavam fotógrafos para realizar fotos em estúdio ou em domicílio, registrando um momento significativo para aquela família. Após isso, as fotos eram reveladas e entregues para que as pessoas pudessem guardar como lembrança. Essas fotografias serviam como forma de se congelar um determinado momento, algo importante e significativo, sejam em datas comemorativas, seja em conquistas ou descobertas, fotos de casamento, aniversários, formaturas. A tradição do álbum de família serve como forma de se preservar essa memória, sendo possível compartilhá-la ou revivê-la mais tarde. São formas de se contar uma história de forma que não nos esqueçamos desses momentos. A fotografia, por si só, pode contar e construir diversas narrativas. Como o artigo *A fotografia como objeto e recurso de memória* nos diz,

[...] a fotografia pode ativar a memória, falar sobre um passado, permitir revivê-lo no presente, mesmo não sendo ela pertencente ao indivíduo que a observa, mesmo não sendo até ela a rememoração de seu passado. (FELIZARDO & SAMAIN, 2007, p. 215)

Entretanto, devemos pensar também que essa possibilidade e construção dessa experiência foi negada a muitas pessoas, principalmente de classes mais populares. Se pensarmos em quantas pessoas têm registros fotográficos de avós, pais, fotos quando criança, etc. A fotografia é capaz de construir e mostrar formas de se enxergar o mundo e compreender a realidade, mas muitas dessas narrativas não tiveram seu registro físico, o que faz com que parte dessa memória também se perca.

A partir disso, começamos a refletir como se dá a construção de memórias e conhecimentos no espaço escolar, tendo foco na infância e nas expressões que se dão na escola, para além da sala de aula. A proposta é pensar num ambiente educacional que valorize esses saberes e também nas necessidades das crianças para que possamos contribuir no desenvolvimento de sujeitos autônomos e que sejam participativos no seu processo de aprendizagem. Ou seja, são sujeitos que construirão seu próprio conhecimento e autonomia para desenvolver, desde cedo, sua trajetória educacional, uma vez que é nesse espaço que ele começará a explorar o mundo ao seu redor, desenvolver diversas formas de pensamento e também a lidar com as múltiplas diferenças que compõem o mundo.

Nesse sentido, tivemos a oportunidade de gravar e editar um vídeo registrando o momento do recreio escolar, tendo como objetivo proporcionar ao espectador um olhar sensível

sobre as experiências das crianças na escola. Considerar o recreio como um tempo e um local de ações espontâneas foi necessário para nos fazer perceber as diferenças de atitudes das crianças em espaços menos controlados.

Foram alguns meses refletindo sobre o espaço escolar, a forma como se dá a socialização das crianças e de que forma podemos mapear as questões de ocupação desse espaço pelas crianças. Indagamo-nos sobre a forma como isso tudo atravessa o cotidiano da escola e da sala de aula. Apesar das pesquisas sobre educação escolar ter avançado muito, propondo novas perspectivas acerca do ensino e aprendizagem, que se contrapõem ao ensino tradicional, a estrutura e organização do espaço escolar ainda está muito preso a uma perspectiva mais conservadora.

Parafraseando Peter McLaren (2001), a escola é uma arena de disputas culturais, o que evidencia a complexidade e a diversidade de entendimentos socioculturais nos espaços escolares. A partir da referência da pedagogia crítica, na qual o autor acima se inscreve, cai por terra a imagem criada pelo senso comum de que a escola é um espaço idílico, no qual todos se comportam como uma família idealizada, como sinônimo de harmonia e respeito incomensuráveis. Esse modelo usual de compreensão do espaço escolar pode, na maioria das vezes, contribuir para a manutenção de práticas autoritárias. Tal raciocínio nos leva aos estudos de Michel Foucault (2019), trazendo à cena argumentativa, o conceito de docilização dos corpos, a partir de práticas didáticas conservadoras que levam à aceitação de que o silenciamento das crianças é o modo certo de ensinar e aprender. O silenciamento não é apenas sonoro, mas também corporal. Não correr, não gritar, não brincar, impede ao estudante de expressar-se na sua essência: ser criança.

O momento do recreio é um dos poucos espaços em que se é permitido ser criança, correr, brincar, falar alto, interagir, movimentar o corpo e se expressar como um todo, se diferenciando da sala de aula, que é um lugar tradicionalmente silencioso.

O vídeo foi criado por uma das autoras deste artigo, cujo olhar sensível e investigativo para o espaço escolar, permitiu ver o invisível. Isto é, percebeu que havia saberes e conhecimentos a serem refletidos num espaço que parece não ser considerado por ninguém. A gravação do vídeo foi feita a partir do encantamento da autora com a diversidade de sons presentes no recreio escolar. Além disso, ressaltamos que houve todo um cuidado de proteger a imagem das crianças e também das pessoas que compõem aquele espaço escolar. O vídeo foi gravado a partir da nossa experiência dentro do programa PRP em meses de observação e atuação na escola.

O vídeo é feito no pátio escolar, a câmera na horizontal, próxima ao chão. O que se tem na imagem registrada são os passos feitos no momento do recreio. Há diversas crianças andando de um lado para o outro, pulando, correndo, rindo, falando alto. Além disso, a diversidade de sapatos, movimentos que aparecem no vídeo também é interessante para pensarmos sobre os sujeitos que compõem aquele espaço, sejam as crianças ou a comunidade escolar como um todo.

O objetivo foi capturar a espontaneidade do momento, as brincadeiras na hora do recreio e as interações infantis. Dessa forma, o protagonismo é delas, as crianças, mas sem a necessidade de mostrar seus rostos. Tudo o que guia o espectador durante a experiência do vídeo são os passos e a diversidade de sons no ambiente.

É importante destacar a existência dos sons capturados no vídeo. Eles são produzidos apenas no horário do recreio. O som da sala de aula é muito diferente. Como dito anteriormente, as salas ainda seguem uma estrutura e organização mais conservadora, logo o silêncio total passa a ser mais comum.

Dessa forma, o que o vídeo se propõe a mostrar é a existência de vida, de alegria, de espontaneidade das crianças no espaço escolar. Este movimento não causa balburdia e rebeldia, ao contrário, permite que a criança expresse suas ideias, aprendizagens e vivências através de seu corpo livre e ágil. É possível pensar num espaço escolar que considere a experiência infantil como interação, diálogo, como modo de dizer de si para o outro, nas brincadeiras, quer coletivas e/ou individuais. É possível promover aprendizagens que considerem a brincadeira como modo das crianças entenderem o mundo, desenvolvendo atividades que venham a estimular a imaginação, a criatividade e a expressão das crianças.

São atividades que promovem a interação. Ao articularmos com as experiências e saberes das crianças, com os conhecimentos que fazem parte de suas realidades, com os contextos nos quais estão inseridas, o que elas trazem consigo, podemos fazer um trabalho mais significativo. Propor um espaço escolar que possibilite um ensino baseado na vivência infantil e, principalmente, pensar como se dão as relações a partir das experiências, pode viabilizar aprendizagens mais significativas.

Portanto, compreendemos que é através da experiência que o conhecimento é construído, é a partir do explorar, da experimentação que a aprendizagem se dá através do fazer.

A escola amplia a vida em comunidade, a criança começa a conhecer outros sujeitos diferentes e começa a conhecer um pouco mais de si e a interagir mais com o outro. É a partir dessa interação que há a aprendizagem e o desenvolvimento.

Palavras-chave: formação, aprendizagem, vídeo, escola, infância.

REFERÊNCIAS

FELIZARDO, Adair; SAMAIN, Etienne. A fotografia como objeto e recurso de memória. **Discursos Fotográficos**, Londrina, v.3, n.3, p. 205-220, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2019.

MANINI, Miriam. Imagem, Memória e Informação: um tripé para o documento fotográfico. **Domínios da Imagem**, Londrina, ano IV, n. 8, p. 77-88, 2011.

MCLAREN, Peter. **A vida nas escolas: uma introdução à pedagogia crítica nos fundamentos da educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

VIANA, Cássio Vinícius Afonso; IMBRIZI, Jaquelina Maria; JURDI, Andrea Perosa Saigh. Narrativas sobre o brincar: aproximação da experiência infantil. **Psicol. Soc.**, v. 29, e160002, 2017.